

**TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DA OVINOCULTURA EM UMA PROPRIEDADE
EM DOM PEDRITO/RS: UM ESTUDO DE CASO**
**AGROECOLOGICAL TRANSITION OF OVINOCULTURE ON A PROPERTY IN
DOM PEDRITO/RS: A CASE STUDY**

Luísa Inácio Lourensi

Zootecnista
Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito/RS, Brasil
luisalourensi@gmail.com

Claudio Marques Ribeiro

Engenheiro Agrônomo
Professor Adjunto Universidade Federal do Pampa
Dom Pedrito/RS, Brasil
claudioribeiro@unipampa.edu.br

RESUMO

A agroecologia é uma ciência desenvolvida a partir da década de 1970, como consequência de uma busca de suporte teórico para as diferentes correntes de agricultura alternativa que já vinham se desenvolvendo desde a década de 1920. Surge como resposta aos críticos destes movimentos por uma nova agricultura integrada ao meio ambiente. O objetivo deste trabalho foi estudar esta transição na exploração ovina de uma propriedade no município de Dom Pedrito/RS. Entrevistouse um produtor do município de Dom Pedrito/RS, com uma propriedade de 1.160 ha com lavouras de arroz (*Oryza sativa* L.), soja (*Glycine max* L.), bovinocultura e ovinocultura, sendo a última seu quarto foco. Os dados foram coletados através de um questionário fechado, com 41 perguntas. Uma das alternativas encontradas pelo produtor para diminuir os índices de verminose, é a utilização de rodízio de piquetes e consorciação com bovinos, para evitar o uso de fármacos. Em uma autoavaliação do produtor entrevistado, este afirmou que administra uma propriedade rural tradicional, porém tem preocupações ambientais. Conclui-se neste trabalho que não se trata de uma empresa rural completamente tradicional, pois realiza processos sem uso de meios artificiais controlando as adversidades do sistema produtivo apenas com manejos que respeitam o meio ambiente.

Palavras-chave: agroecologia; criação convencional; ovinos; sustentabilidade

ABSTRACT

Agroecology is a science developed since the 1970s, with the help of a search for support for the generation of work streams that can be developed since 1920. integrated to the environment. The objective of this work was to be an emergency in the ovine exploitation of a property in the municipality of Dom Pedrito / RS. For example, a producer in the municipality of Dom Pedrito / RS, with a property of 1,160 hectares with crops of rice (*Oryza sativa* L.), soybean (*Glycine max* L.), bovine farming and sheep, being a kind of fourth focus . Data were collected through a

closed survey, with 41 questions. The consumption of beverages is greater than that of producers of food and is consumption, is a use of picketing and consortium with cattle, to avoid the use of drugs. In a self-assessment of the interviewed producer, this is considered as a traditional rural property, but has environmental protection. It is concluded in this work that it is not a completely traditional rural enterprise, because it carries out processes without the use of artificial means controlling the adversities of the productive system only with standards that respect the environment.

Keywords: agroecology; conventional breeding; sheep; sustainability.

1. INTRODUÇÃO

A agroecologia é uma ciência desenvolvida a partir da década de 1970, como consequência de uma busca de suporte teórico para as diferentes correntes de agricultura alternativa que já vinham se desenvolvendo desde a década de 1920. Surge como a busca por uma nova agricultura integrada ao meio ambiente, que os definiam como uma tentativa retrógrada de volta ao passado na agricultura (DE ASSIS, 2002).

Para Assis (2002) os movimentos de agricultura alternativos ao convencional, contrapondo-se ao uso abusivo de insumos agrícolas industrializados, da dissipação do conhecimento tradicional e da deterioração da base social de produção de alimentos, têm tido um reconhecimento cada vez maior. Para estes movimentos a solução não está em alternativas parciais, mas no rompimento com a monocultura e o redesenho dos sistemas de produção, com o reconhecimento da importância de diferentes interações ecológicas para a produção agrícola de forma a minimizar a necessidade de insumos externos ao agroecossistema.

Observam-se, hoje, sistemas de produção alternativos empregados em diferentes condições ambientais, apresentando resultados satisfatórios do ponto de vista ecológico, agrônômico, econômico e social. Aliado a isto, um mercado específico desta produção tem tido um crescimento vertiginoso (DE ASSIS, 2002).

Este cenário conflituoso entre sistemas convencionais e agroecológicos, se detém por todos ramos do agronegócio, sem deixar de lado a ovinocultura. Tanto esta quanto os campos do bioma Pampa se destacam pelo seu uso econômico. Historicamente, a produção animal associada a essas pastagens naturais tem desempenhado um importante papel no desenvolvimento da sociedade gaúcha (Barreto e Kappel 1967, Boldrini 1997, Jacques e Nabinger 2006). Em 2016, o Rio Grande do Sul (RS) detinha um rebanho ovino com aproximadamente 3.496.904 de cabeças, o que reflete a importância econômica atual do setor para a economia do estado (LOBATO & VAZ 2006, IBGE 2016). Entretanto, a exploração pecuária extensiva baseada em práticas de manejo com alta carga animal, introdução de espécies forrageiras exóticas (algumas potencialmente invasoras) e uso indiscriminado de fogo e de herbicidas tem diminuído o potencial produtivo dos campos nativos, refletindo-se em um menor ganho de peso animal.

Sendo assim, sabendo da tendência dos antigos sistemas produtivos remodelarem-se e encontrarem-se em uma transição agroecológica, o presente trabalho se propôs a estudar esta transição na exploração ovina de uma propriedade no município de Dom Pedrito/RS.

1.1 Problema de Pesquisa

Por que apesar de serem propriedades modernas, ainda preservam características agroecológicas na produção de ovinos?

1.2 Objetivo

Identificar o quanto de agroecológico existe na exploração de ovinos na propriedade estudada no município de Dom Pedrito/RS.

1.3 Justificativa

Apesar da modernidade ser hegemônica, existem propriedades que não se modernizaram e necessita-se compreendê-las para saber, como e porque, mantiveram-se assim. Muitas destas, no Brasil e no mundo, buscam retornar suas explorações para o tipo agroecológico, pois chegaram em um patamar tecnológico muito avançado e perceberam que retroceder um pouco esta evolução é melhor para suas respectivas explorações. Devido a presença de poucos trabalhos científicos abordando perfil da ovinocultura e a agroecologia nesta atividade das propriedades rurais, viu-se a importância em desenvolver este estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir são abordados assuntos relevantes para o trabalho, como: o início da ovinocultura brasileira, alguns manejos com rebanho ovino, breves explicações do que são agricultura convencional e agricultura agroecológica e do que foi a Revolução Verde.

2.1 Ovinocultura no Brasil

Os precursores da produção pastoril no Rio Grande do Sul foram os jesuítas e seus índios aldeados nas reduções missionárias. Foram eles que introduziram o gado a partir de Asunción, no Paraguai, em 1628. Com a pecuária praticada pelos jesuítas as pastagens naturais do Rio Grande do Sul foram modificadas nas suas características florísticas. A seleção e o corte sistemático de algumas gramíneas por parte dos animais, bem como a adubação orgânica daí resultante, somada à ação dos índios pastoris sobre o espaço alteraram as características originais dos campos (NETO, 2006).

Foi a multiplicação do gado deixado pelos jesuítas em sua primeira tentativa de catequese que tornou o território do atual Rio Grande do Sul um espaço interessante economicamente. Até então, esta região era um vazio que não atraía atenção maior dos portugueses, a não ser enquanto referência administrativa ou como espaço a ser contornado para chegar à Colonia del Sacramento, no Uruguai. No entanto, foi isto que permitiu os portugueses perceberem a presença de milhares

de cabeças de gado xucro na imensidão de campos que correspondem atualmente ao Uruguay e RS (NETO, 2006).

No ano de 1797 realizou-se a primeira estatística de ovinos no RS, a qual somou 17.475 animais (SANTOS, 1968). Passaram-se dois séculos e o RS chegou a possuir um rebanho ovino com aproximadamente 12 milhões de animais durante a década de 70, isto devido à grande importância econômica da lã da época (FIGUEIRÓ, 1975).

A ovinocultura no Rio Grande do Sul teve papel fundamental no progresso da pecuária gaúcha. Durante o século XX a atividade evoluiu promovendo desenvolvimento econômico e social e posicionando o estado como um dos maiores produtores do País (VIANA, 2007).

Porém, no final dos anos de 1980, em decorrência dos altos estoques de lã australiana e aos primórdios dos tecidos sintéticos no mercado têxtil internacional, a ovinocultura laneira passou por uma grande crise. Esta se estendeu pela década de 1990, o que resultou no abandono da exploração ovina por muitos produtores rurais, reduzindo significativamente o rebanho destes animais (BOFFIL, 1996; NOCCHI, 2001).

Para burlar a crise laneira os ovinocultores, que permaneceram na atividade, encontraram uma saída, a exploração de carne. A produção de carne ovina é uma atividade que vem desenvolvendo-se gradativamente no Brasil, mudando o foco da ovinocultura e crescendo em regiões onde antes esta atividade era insignificante, viabilizando sistemas de produção animal em pequenas propriedades e tornando-se mais uma alternativa de investimento no meio agropecuário (LOBATO, 2013). Ela começou a ser conhecida e apreciada, resultando em um aumento na demanda pelo produto, que passou de exploração secundária da ovinocultura para principal, tornando a atividade novamente rentável e atrativa ao produtor rural. Associado a isto, também elevou-se o poder aquisitivo da população brasileira trazendo consigo a consolidação deste novo mercado para a ovinocultura brasileira (VIANA, 2008).

Porém, as explorações ovinas diferem-se entre si de acordo com a geografia brasileira. No Nordeste do Brasil a maior parte da produção é voltada para subsistência, sendo considerada importante fonte de alimento para as populações do meio rural, fornecendo carne, leite e derivados. No Sudeste, o rebanho ovino é direcionado para produtos com maior valor agregado, destacando-se atualmente na produção de queijos e cortes especiais. O enfoque da produção se dá de maneira diferenciada em razão da proximidade com o principal mercado consumidor do país

(Rio de Janeiro e São Paulo). Na região Sul do país, existe a forte exploração extensiva de ovinos na produção de carne e lã, que são mais adaptados a baixas temperaturas, clima predominante na região (OJIMA, BEZERRA; OLIVEIRA, 2006).

Portanto, pode-se dizer que a ovinocultura é uma exploração cosmopolita e multiface (carne, lã, leite e pele), dispondo de vários produtos finais. Principalmente quando se encontrou em crise, tanto em demanda, quanto em oferta ou preço. Esta se reinventou e surgiu com uma alternativa para contornar o cenário econômico do seu principal produtor (lã) encontrava-se, tornando seu foco primário a exploração de carne. Sendo assim, esta cadeia produtiva sempre possui algo a oferecer e investir em medidas sustentáveis para agregar valor ao produto final deste processo pecuário, visto que cada vez mais a população prioriza por alimentos mais saudáveis e naturais.

2.2 Manejos ovinos

Para obter sucesso na criação ovina, necessita-se priorizar suas principais bases, que são a nutrição, a sanidade e a genética. Detive-me apenas nos dois primeiros no decorrer deste tópico, pois são os com maior relação com o manejo agroecológico.

Sobre o manejo sanitário, pode-se ressaltar as enfermidades de notificação obrigatória para ovinos, de acordo com o MAPA (2013): aborto enzoótico das ovelhas (clamidiose), doença de Nairobi, maedi-visna, peste dos pequenos ruminantes e varíola ovina. A vacinação dos rebanhos ovinos é realizada para as seguintes doenças: clostridiose, ectima contagioso, foot-rot leptospirose, linfadenite caseosa e raiva, como é mencionado por Ribeiro (2001) e Turino (2007). Dentre as enfermidades que mais acometem os ovinos, está a verminose, na maioria das vezes apresentando-se como uma helmintose, geralmente causada pelo agente *Haemonchus contortus* (CHAGAS; DE CARVALHO; MOLENTO, 2007). Uma maneira de diminuir os níveis de larvas nas pastagens é o pastejo rotativo. Que para Trindade (2007), em pastejo rotativo, alterações na estrutura do dossel, à medida que o pasto é rebaixado, podem causar modificações na composição da forragem consumida.

Sobre o manejo nutricional, sabe-se que quando realizado de maneira adequada obtém grande influência no sistema produtivo, principalmente no reprodutivo. Sendo assim, a suplementação estratégica durante a estação de monta (*flushing*) pode, potencialmente influenciar no desenvolvimento fetal e este efeito pode se estender até o parto, com reflexos também no desenvolvimento pós-parto das crias (DE SOUSA, 2013). Uma alternativa para manter a qualidade da dieta dos

animais, mesmo nos tempos de escassez, é o fornecimento de silagem. Para De Oliveira Pimentel (1998), a prática da ensilagem tem sido mais utilizada e seu uso tem se desenvolvido mais. Para produção de silagem, há necessidade de uma espécie de forrageira que apresente produção elevada de massa por unidade de área e que seja um alimento de alta qualidade para os animais.

Quanto ao manejo de esquila pode-se considerar que a remoção da lã de um ovino, independentemente do momento em que é feita, resulta em uma série de respostas fisiológicas e comportamentais. Entre estas, limita a capacidade de isolamento térmico, elevando as trocas de temperatura e, conseqüentemente, as necessidades energéticas, bem como, reduz o peso total do animal, aumentando sua mobilidade e facilidade de locomoção. Essas respostas, quando expressadas por fêmeas em estado gestacional, permitem uma séria de benefícios que resultam na elevação das taxas de sobrevivência e desmame dos cordeiros (TAVARES, 2017).

2.3 Agricultura convencional

A Região da Campanha Gaúcha apresenta uma notável heterogeneidade, principalmente no que diz respeito às condições para o desenvolvimento do seu setor primário. Estudos indicam que os contrastes entre o desenvolvimento do Leste do Rio Grande do Sul e o Oeste (especialmente a região Noroeste) são, pelo menos, tão importantes quanto os que se observa entre o desenvolvimento do Sul e do Norte do Estado (PAIVA, 2008). Porém, a agricultura convencional vem perdendo lugar para a produção de *commodities* devido ao progresso tecnológico, gerando uma preocupação com a qualidade dos alimentos e a questão ambiental.

Pode-se definir agricultura como a prática de artificializar o meio natural. Tecnicamente, isso se traduz em converter o ecossistema em um agroecossistema, sendo este uma articulação do trabalho humano com o da natureza, para que plantas e animais domésticos desenvolvam-se e reproduzam-se. Essa peculiaridade da agricultura faz com que ela permaneça, no alvorecer do século XXI, como o setor econômico que mais intimamente conecta a sociedade à natureza (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

O sistema tradicional ou convencional da agropecuária trata de produções mais intensivas. Ele prevê um empreendimento rural com maior emprego de tecnologias, buscando alta produtividade, utilizando insumos externos, tanto para

alimentação e tratamento dos animais, quanto para correção e/ou adubação do solo, utilização de maquinário e implementos agrícolas para plantio e/ou colheita, entre outros (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

Os dez mil anos de história da agricultura podem ser interpretados como a busca incessante de novas práticas para a intensificação do uso dos solos em resposta às crescentes demandas alimentares decorrentes dos aumentos demográficos (BOSERUP, 1987).

A medida que as inovações técnicas permitiam a intensificação produtiva, os agroecossistemas foram diferenciando-se estrutural e funcionalmente dos ecossistemas naturais, num processo de progressiva artificialização, isto significa que, houve o distanciamento dos equilíbrios naturais. A tendência crescente de deixar os ecossistemas artificiais foi levada a níveis extremos a partir da segunda metade do século 20, com a segunda Revolução Agrícola – também conhecida como Revolução Verde (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

As mudanças nos níveis de produtividade e na qualidade genética dos animais preconizadas na Revolução Verde foram enormes e contribuíram para o aparecimento de muitas doenças, que implicaram no uso intensivo de medicamentos e condições artificiais de criação, tornando os animais verdadeiras máquinas de produzir (FONSECA, 2000).

O paradigma científico-tecnológico da Revolução Verde expandiu-se globalmente ao articular seis práticas básicas: as monoculturas, o revolvimento intensivo dos solos, o uso de fertilizantes sintéticos, o controle químico de pragas e doenças, a irrigação e a manipulação dos genomas de plantas e animais domésticos. Embora cada uma dessas práticas exerça uma função específica no funcionamento do agroecossistema, para que seja efetiva, deve ser adotada de forma combinada com as demais, criando um sistema técnico pouco flexível que induz à forte dependência econômica da agricultura em relação à indústria e ao sistema financeiro (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

2.4 Agricultura agroecológica

Da fusão de duas ciências, que mantiveram entre si um relacionamento tenso durante boa parte do século XX, a Agronomia e a Ecologia, surgiu a Agroecologia. Enquanto a primeira ocupou-se do desenvolvimento de práticas agrícolas cada vez mais desconectadas dos processos naturais, a segunda concentrou-se essencialmente no estudo de sistemas naturais (GLIESSMAN, 2000).

Sistemas agroecológicos ou sustentáveis seriam explorações mais

extensivas, menores e que se sustentam por si só. São produções que visam o mínimo de intervenções nos sistemas naturais, sem a necessidade de insumos externos para suas atividades como, confinamento de animais, corrigir e/ou adubar o solo, plantar e/ou colher com menor utilização de máquinas ou implementos agrícolas, entre outros (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

O princípio fundador do enfoque agroecológico baseia-se na manutenção e no manejo de agroecossistemas biodiversificados, nos quais são promovidos efeitos de sinergia e sincronia entre componentes e subsistemas, gerando crescentes níveis de autonomia técnica, estabilidade produtiva e resiliência ecológica (PETERSEN; VON DER WEID; FERNANDES, 2009).

Nessa perspectiva, o traço mais característico do paradigma agroecológico está em sua ênfase nas interações positivas que podem ser intencionalmente estimuladas entre as diferentes espécies integrantes do agroecossistema (cultivadas ou não). Por meio dessas interações emergem qualidades que favorecem maior autonomia com relação aos insumos externos, ao mesmo tempo em que são potencializados fluxos e ciclos naturais para que eles interatuem em favor do desempenho produtivo de cultivos e criações (NIEDERLE & ALMEIDA, 2013).

3. METODOLOGIA

O trabalho foi conduzido no município de Dom Pedrito, na Região da Campanha do RS, localizado a 30° 58' 58" S e 54° 40' 23" W. Entrevistou-se um produtor da localidade do Upacaray, a cerca de 40 km do centro da cidade. A propriedade conta com 1.160 ha diversificados entre lavouras de arroz, soja, bovinocultura e ovinocultura, sendo a primeira, segunda, terceira e quarta prioridade de exploração, respectivamente, na empresa. O presente estudo focou-se apenas para exploração de ovinos.

Devido à facilidade de contato com o produtor realizou-se um estudo de caso, que de acordo com Yin (1989) trata-se de uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário fechado no formato, com 41 perguntas (40 fechadas e uma aberta). Estas foram elaboradas a fim de obter informações sobre o perfil da atividade ovina da propriedade estudada,

que fossem suficientes para sanar as dúvidas e assim atender os objetivos do trabalho.

Após analisar o questionário, suas questões mais relevantes foram selecionadas e serão apresentadas a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após processar os dados obtidos na entrevista, verificou-se que o rebanho de ovinos Corriedale da propriedade estudada detém entre 100 e 300 animais/ano. No momento da entrevista o rebanho continha 100 matrizes, 2 reprodutores, 40 borregas, 20 borregos, 40 cordeiras e 40 cordeiros. De acordo com Figueiró (1975) o Estado do Rio Grande do Sul chegou a possuir um rebanho ovino de cerca de 12 milhões de durante a década de 70. Cenário bem diferente de dois séculos atrás, quando no primeiro levantamento oficial de ovinos no RS, o total de animais atingiu 17.475 (SANTOS, 1968). Isto demonstra uma característica de produção extensiva, já que os animais são mantidos a pasto e não confinados, caracterizando uma transição agroecológica.

Já quando se trata das borregas e cordeiras, as melhores são destinadas para a reposição do plantel e o restante delas vai para o abate, assim como o total de borregos e cordeiros machos. A categoria priorizada para o abate é o cordeiros, porém aqueles animais que não se apresentam de maneira adequada para sua finalidade nesta idade, são mantidos na propriedade até borregos para serem terminados. Os animais abatidos são destinados ao consumo da propriedade e o restante é vendido. Apesar do controle do tamanho do rebanho, os animais não são brincados, nem possui métodos alternativos de identificação individual.

Para diminuir os índices de verminose, utiliza-se como manejo o rodízio de piquetes e consorciação com bovinos, para evitar o uso de fármacos. Não houve clareza, se o produtor faz esta prática porque evita a utilização de medicamentos, tornando-se o método mais barato, ou é porque evita trazer os animais mais uma vez a mangueira para serem tratados, tornando-se menos trabalhoso. Também não se obteve o índice de mortalidade dos animais, tanto dos cordeiros quanto dos animais adultos, pois o produtor não tem posse deste dado. Sendo assim, não se pode afirmar que as medidas sustentáveis adotadas pelo produtor estudado são eficazes.

Muitos criadores de ovinos têm feito uso intensivo de medicamentos antiparasitários, chegando em algumas ocasiões a efetuar o tratamento de todo o

rebanho a cada 30 ou 60 dias. Esta é uma situação preocupante, porque mesmo que exista grande eliminação dos parasitas susceptíveis após o tratamento, ocorrerá forte pressão seletiva e haverá sobrevivência de vermes resistentes aos medicamentos, criando animais resilientes no plantel. Os prejuízos causados pela parasitose são grandes e estão relacionados com a compra frequente de produtos químicos, a perda de produtividade e a alta mortalidade de animais (CHAGAS; DE CARVALHO; MOLENTO, 2007). Sendo assim, utilizar maneiras que diminuam a utilização de medicamentos é uma ótima alternativa para os animais e o seu sistema em geral, tornando-o assim, mais sustentável e futuramente poder agregar valor ao produto final da criação.

Ainda sobre as medidas profiláticas da propriedade, não se realiza casqueamento nem pedilúvio preventivo contra Foot Rot, pois se vacinam os animais para esta enfermidade. Que, segundo Ribeiro (2001), para a prevenção dos surtos de Foot Rot no outono, recomenda-se a vacinação do rebanho em fevereiro e reforço em maio. Para evitar os surtos de primavera os animais devem ser vacinados em julho e revacinados em agosto. Para animais já vacinados, incluindo fêmeas em gestação recomenda-se o reforço anual. Trabalhos recentes têm explorado o efeito da raça, categoria animal e grau de acometimento dos animais sobre a resistência e sua herdabilidade na produção de pequenos ruminantes. As demais vacinas obrigatórias como, carbúnculo hemático, clostridioses, ectima contagioso, leptospirose, linfadenite caseosa e raiva (TURINO, 2007), não são aplicadas.

Os banhos preventivos para piolho e sarna são realizados uma vez ao ano e quando existem surtos. Estes manejos com medicamentos e químicos, evidenciam que a ovinocultura desta propriedade está em transição agroecológica, já que possui práticas sustentáveis e que preocupam-se com o meio ambiente, porém ainda utiliza mecanismos convencionais em alguns manejos, como é o caso das vacinas e banhos.

Tratando-se do manejo reprodutivo os animais são castrados com borracha e são iniciados na reprodução aos três anos de idade no caso dos machos e aos dois anos quando se tratam das fêmeas. A estação de monta inicia-se no mês de março, através de monta natural tradicional, estendendo-se por 60 dias. É realizado exame andrológico, porém não é feito diagnóstico de gestação. As matrizes não são trazidas para perto da sede e não tem limpeza pré-parto. Geralmente o nascimento dos cordeiros dá-se no mês de junho, fazendo com que hajam cordeiros terminados

para a data de maior procura desta carne, nos meses finais do ano (novembro/dezembro).

Tal informação corrobora com Viana (2007), que apesar do crescimento da produção de carne nos últimos anos no Brasil, ainda realizam-se importações de carne ovina para abastecer o mercado consumidor, visto que a oferta interna desta é insuficiente e sazonal. O principal exportador de carne ovina para o país é o Uruguay, exportando o produto com preços mais competitivos, devido a valorização cambial existente no Brasil, além da logística uruguaia possuir custos mais baixos que a brasileira. Cenário que se repete na propriedade entrevistada, pois existe grande potencial de exploração e condições para ofertar carne de cordeiro o ano inteiro, porém necessita-se que medidas zootécnicas básicas sejam implantadas na mesma.

Em relação a esquila, a mesma é realizada com máquina no mês de novembro, caracterizando uma esquila de primavera/verão (pós-parto), sem haver esquila pré-parto. De acordo com Tavares Costa (2017) a época de esquila interfere na qualidade do velo das matrizes, pois no período de inverno, normalmente ocorre uma redução no diâmetro das fibras de lã devido ao estresse do parto, porém nos animais esquilados no período convencional (durante a primavera), essas alterações na fibra posicionam-se na região central das mechas de lã, produzindo lãs menos resistentes a tração e de menor qualidade, reduzindo consideravelmente seu aproveitamento industrial.

Algumas alternativas para burlar a escassez de oferta são apresentadas por Lobato (2013) na qual informa, que pode-se incrementar a produtividade, aliado-a ao melhoramento genético, utilizando biotécnicas da reprodução, visando à otimização do manejo de rebanho quanto ao acasalamento, nascimento, desmame e abate, de forma que todas as etapas possam ser monitoradas, inclusive em relação ao planejamento nutricional e comercial.

O desempenho reprodutivo dos animais representa um dos pilares que alicerçam o sucesso da produção ovina, sendo a fertilidade das ovelhas a ponte para o desempenho econômico. Devido à sazonalidade, a sincronização do estro e da ovulação vem proporcionando este retorno, não somente para rebanhos mais especializados, adeptos da inseminação artificial e transferência de embriões, como também para rebanhos que adotam a monta natural (LOBATO, 2013). Visto isto, entramos em uma linha tênue entre o convencional e o agroecologia, confirmando que a transição para o agroecológico é uma realidade, pois na propriedade utiliza-se

monta natural tradicional, que sem utilização de sincronização de estro, cai no paradigma da sazonalidade da carne de cordeiro.

Quanto ao manejo nutricional, os ovinos não são suplementados, nem a nível de *flushing*, nem de *creep feeding*. Porém, sabe-se que a suplementação estratégica durante a estação de monta (*flushing*) pode, potencialmente, influenciar no desenvolvimento fetal e este efeito pode estender-se até o parto, com reflexos também no desenvolvimento pós-parto das crias (DE SOUSA, 2013). A alimentação é baseada em pastagens naturais e cultivadas, sem nenhuma pré-definição de qual será plantada. No momento em que entrevistamos o produtor, o mesmo estava utilizando uma área com pastagem de azevém (*Lolium multiflorum*). A cultura para feitiço da silagem nem sempre é a mesma, quando coletamos os dados, estava sendo ofertada silagem de sorgo, com confecção na propriedade. Para produzir uma silagem de qualidade necessita-se de uma forrageira adequada para isto. Sendo assim, o sorgo vem tornando-se importante para esta técnica, devido as suas características de resistência a déficit hídrico e capacidade de rebrota, o que permite maiores produções por área. Com a maior produção de massa, o sorgo pode fornecer silagem mais barata que a de milho e de valor nutritivo próximo a este (DE OLIVEIRA PIMENTEL, 1998).

Em uma autoavaliação do produtor entrevistado, este afirmou que administra uma propriedade rural tradicional, porém tem preocupações ambientais, quanto a descarte de agroquímicos utilizados na ovinocultura e em outras atividades da propriedade.

Mesmo sem ser um praticante nato da agroecologia, o produtor entrevistado toma atitudes sustentáveis quando se refere a sua exploração ovina, por vezes, sem nem saber que as toma. Tornando a transição agroecológica uma possibilidade, pois depois de ter ciência das práticas que podem ser tomadas e dos benefícios que estas podem trazer, muito pode ser explorado com maior êxito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao perfil da propriedade, conclui-se que esta não é mais uma empresa rural tão tradicional, pois realiza processos sem uso de meios artificiais controlando as adversidades do sistema produtivo apenas com manejos que respeitem o meio ambiente. Contudo, comparando a cadeia ovina deste local como um todo esta ainda possui grande utilização de insumos externos, que para adequar-se para um perfil totalmente sustentável, há um longo caminho a percorrer.

Necessita-se maior interesse por parte dos pesquisadores em desenvolver estudos sobre este assunto, para que os sistemas explorem o seu potencial e manter harmonia com o meio ambiente, produzindo cada vez mais, devastando cada vez menos.

Já que entrevistando apenas um produtor obteve-se informações e manejos agroecológicos, que o mesmo fazia e nem possui noção disto, se futuramente este estudo for expandido, em um estudo pelo Estado do Rio Grande do Sul, como estas informações impactariam sobre a exploração da ovinocultura.

REFERÊNCIAS

BARRETO, I. L.; KAPPEL, A. Principais espécies de gramíneas e leguminosas das pastagens naturais do Rio Grande do Sul. In: **Congresso da Sociedade Botânica do Brasil**. 1964. p. 281-297.

BOFILL, Francisco Jorge. **Reestruturação da ovinocultura gaúcha**. Livraria e Editora Agropecuária, 1996.

BOLDRINI, Ilsi Iob; MOZETO, Antônio A. **Campos do Rio Grande do Sul: caracterização fisionômica e problemática ocupacional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

BOSERUP, Ester. **Evolução agrária e pressão demográfica**. Hucitec/Polis, 1987.

CHAGAS, AC de S.; DE CARVALHO, C. O.; MOLENTO, M. B. Método famacha: um recurso para o controle da verminose em ovinos. **Embrapa Pecuária Sudeste-Circular Técnica (INFOTECA-E)**, 2007.

DE ASSIS, Renato Linhares; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 6, 2002.

DE OLIVEIRA PIMENTEL, Joabe Jobson et al. Efeito da suplementação protéica no valor nutritivo de silagens de milho e sorgo. **R. Bras. Zootec**, v. 27, n. 5, p. 1042-1049, 1998.

DE SOUSA, R. T. et al. Desempenho produtivo de ovelhas deslanadas submetidas ao flushing de ácidos graxos. In: **Embrapa Caprinos e Ovinos-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. In: CONGRESSO NORDESTINO DE PRODUÇÃO ANIMAL, 8., 2013, Fortaleza.[Anais...].[Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú; Embrapa Caprinos e Ovinos, 2013]. 4 f.

FIGUEIRÓ, C. M. W. Ovinocultura no Rio Grande do Sul. **Secretaria da Agricultura, Porto Alegre, RS (Brasil). Supervisão da Produção Animal**, 1975.

FONSECA, MFAC. Cenário da produção e da comercialização dos alimentos orgânico. **Workshop sobre produção orgânica de leite, Juiz de Fora, Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora**, 2000.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Ed. da Univ. Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em: 13/08/2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3939#resultado>

JACQUES, AvA; NABINGER, C. O ecossistema pastagens naturais. **Simpósio de Forrageiras e Produção Animal**, v. 1, p. 7-10, 2006.

LOBATO, Ernesto Pereira et al. Manejo reprodutivo de ovinos. **PUBVET**, v. 7, p. 1568-1574, 2013.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2013. Acesso em: 13/08/2018. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/saude-animal-e-vegetal/saude-animal/programas-de-saude-animal/anexo16notifiobrgatLN502013.pdf/view>

NETO, Benedito Silva. Desenvolvimento rural, questão agrária e sustentabilidade da campanha gaúcha. **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS**, p. 12, 2006.

NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado. Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. **Curitiba: kairós**, v. 393, p. 393, 2013.

NOCCHI, E. D. **Os efeitos da crise da lã no mercado internacional e os impactos sócio-econômicos no município de Santana do Livramento-RS-Brasil. 2001. 71f.** 2001. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Integração e Cooperação Internacional)-Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.

OJIMA, ALRO; BEZERRA, LMC; OLIVEIRA, ALR. Caprinos e ovinos em São Paulo atraem argentinos. **Análise e Indicadores do Agronegócio**, v. 1, n. 1, p. 7, 2006.

PAIVA, Carlos Águedo. **Evolução das desigualdades territoriais no Rio Grande do Sul.** Edunisc, 2008.

PETERSEN, Paulo Frederico; VON DER WEID, Jean Marc; FERNANDES, Gabriel Bianconi. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. **Informe Agropecuário, Belo Horizonte**, v. 30, n. 252, p. 7-15, 2009.

RIBEIRO, L.A.O. Foot Root. In: RIET-CORREA, F.; SCHILD, A.L.; MÉNDEZ, M.D.C. et al. Doença dos Ruminantes e Equinos. ed.2. São Paulo: Varela, 2001. p.242-252.

SANTOS, VT dos. Problemas sanitários ovinos no Rio Grande do Sul. **Secretaria da Agricultura, Porto Alegre, RS (Brasil). Serviço de Informação e Divulgação Agrícola. Porto Alegre, RS (Brasil)**, 1968.

TAVARES COSTA, Pablo. Esquila pré-parto como ferramenta de manejo para elevar a eficiência produtiva de ovinos. **REDVET. Revista Electrónica de Veterinaria**, v. 18, n. 12, p. 1-3, 2017.

TRINDADE, Júlio Kuhn da et al. Composição morfológica da forragem consumida

por bovinos de corte durante o rebaixamento do capim-marandu submetido a estratégias de pastejo rotativo. **Pesquisa Agropecuária Brasileira: 1977. Brasília. Vol. 42, n. 6 (jun. 2007), p. 883-890, 2007.**

TURINO, Vicente de França et al. Vacinas para ovinos e caprinos: quais, como e quando utilizá-las?. 2007.

VIANA, João Garibaldi Almeida. Panorama geral da ovinocultura no mundo e no Brasil. **Revista Ovinos**, v. 4, n. 12, p. 44-47, 2008.

VIANA, João Garibaldi Almeida; SOUZA, Renato Santos de. Comportamento dos preços dos produtos derivados da ovinocultura no Rio Grande do Sul no período de 1973 a 2005. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 31, p. 191-199, 2007.

YIN, Robert K. Case study research: Design and methods, revised edition. **Applied Social Research Methods Series**, v. 5, 1989.